

Manuaw da lligwa brazileyra para luzófonus

Cao Bittencourt

1 Ìtrodusàw

1 Introdução

2 Awfabétu

Comesemus pelu mays bázicu, u awfabétu:

Tabela 1: Awfabétu brazileyru

Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff
Gg	Hh	Ii	Yy	Jj	Ll
Mm	Nn	Oo	Tt	Pp	Rr
Ss	Uu	Ww	Vv	Xx	Zz

Cowfóhrmi as tabélas, u novu awfabétu brazileyru (ä escehrda) teŷ vītxi i cwatru letras, ĩcwātu u ātxigu awfabétu pohrtugeys-brazileyru (ä djireyta) teŷ vītxi i seys. As letras hemovidas fòràw u “k” i u “q”, pohrcè sàw hedūdātxis. Dji fatu, a primeyra délas ja éra até na ātxigwidadji clásica critxicada pelus gramátxicus homànus, ci axávàw-na desnesesarya. A letra “q”, pohr sua veys, foy uma ĩveŷsàw desis mesmus gramátxicus para djifereŷsiahr u soŷ du “u” vogaw i du “u” semivogaw (cf. as palavras *qui* i *cui*). Nós, nu eŷtātu, nàw temus pohr ce fazehr ésa djistīsàw, poys a nósa llígwa teŷ mays semivogays

2 Alfabeto

Comecemos pelo mais básico, o alfabeto:

Tabela 1: Alfabeto português-brasileiro

Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff
Gg	Hh	Ii	Jj	Kk	Ll
Mm	Nn	Oo	Pp	Qq	Rr
Ss	Tt	Uu	Vv	Ww	Xx
Yy	Zz				

Conforme as tabelas, o novo alfabeto brasileiro (à esquerda) tem vinte e quatro letras, enquanto o antigo alfabeto português-brasileiro (à direita) tem vinte e seis. As letras removidas foram o “k” e o “q”, porque são redundantes. De fato, a primeira delas já era até na antiguidade clássica criticada pelos gramáticos romanos, que achavam-na desnecessária. A letra “q”, por sua vez, foi uma invenção desses mesmos gramáticos para diferenciar o som do “u” vogal e do “u” semivogal (cf. as palavras *qui* e *cui*). Nós, no entanto, não temos por que fazer essa distinção, pois a nossa língua tem

du ci u latî i, aleÿ djisu, mellyóris métodos para espplisitá-las (vehr adjiãtxi). Asî seÿdu, hemovemus du awfabétu acéla letra, desprezada pelus homànus, i, ironicamenteÿtxi tâbeÿ ésa, ci ïveÿtáràw.

Nàw á nóvas letras nu awfabétu, poreÿ muÿtas das ci pehrmanesèràw pásàw a tehr nóvas fûsoÿs; i, mays ïpohrtãtxi, uma única fûsàw para cada. A letra “c”, pohr ezeÿplu, para coÿtxinuahr a djiscusàw asima, teÿ agóra seÿpri u soÿ dji “k”, nûca dji “s”; na vehrdadji, foy até henomiada para “Ca” [ka], a fï dji deyxahr isu mays claru. Pelu mesmu motxivu, u “Se-sidjillya”, “ç”, é subistxituidu pohr “s”. I, coÿ isu, acaba-si a ãbigwidadji eÿtri as coÿsoãtxis ocluziva velahr suhrda [k] i a fricatxiva awveolahr suhrda [s].

Analogameÿtxi, a letra “g” heprezeÿta apenas a coÿsoãtxi ocluziva velahr sonóra [g] i, comu u “c”, foy henomiada para “Ga” [ga], uma veys ci u nomi “Je” [ʒe], durãtxi séculus, éra pronûsiadu coÿ a fricatxiva pós-awveolahr sonóra [ʒ] (i.e. o soÿ da letra “j” ï pohrtugeys). Asî, pohr ezeÿplu, a palavra “garagem”, ãtxis iscrita coÿ doys “g”, é, agóra espplisitimeÿtxi, “garájeÿ”.

Segïdu a óhrdeÿ awfabétxica, u ãtxigu “Agá”, “h”, deyxha dji sehr uma letra maw utxillizada,

mais semivogais do que o latim e, além disso, melhores métodos para explicitá-las (ver adiante). Assim sendo, removemos do alfabeto aquela letra, desprezada pelos romanos, e, ironicamente, também essa, que inventaram.

Não há novas letras no alfabeto, porém muitas das que permaneceram passam a ter novas funções; e, mais importante, uma única função para cada. A letra “c”, por exemplo, para continuar a discussão acima, tem agora sempre o som de “k”, nunca de “s”; na verdade, foi até renomeada para “Cá” [ka], a fim de deixar isso mais claro. Pelo mesmo motivo, o “Cê-cedilha”, “ç”, é substituído por “s”. E, com isso, acaba-se a ambiguidade entre as consoantes oclusiva velar surda [k] e a fricativa alveolar surda [s].

Analogamente, a letra “g” representa apenas a consoante oclusiva velar sonora [g] e, como o “c”, foi renomeada para “Gá” [ga], uma vez que o nome “Gê” [ʒe], durante séculos, era pronunciado com a fricativa pós-alveolar sonora [ʒ] (i.e. o som da letra “j” em português). Assim, por exemplo, a palavra “garagem”, antes escrita com dois “g”, é, agora explicitamente, “garájeỹ”.

Seguindo a ordem alfabética, o antigo “Agá”, “h”,

eseŷsiawmeŷtxi inútxiw, i pasa a tehr u soŷ fri-catxivu glotaw suhrdu [h], ow “Éhi” guturaw, comu é nus demays idjiomas da Ewrópa (e.g. nas palavras *home*, *heim* i *hjem*, ow seja, “lahr” i Īgleys, Alemàŷ i Noruegeys, hespectxivameŷtxi). Isu significa ci u “r” é hezehrvadu para u tépi awveolahr [r] (e.g. i “para”); i todas as palavras ci comesávàŷ coŷ “r”, comésàŷ coŷ “h”; i, pela mesma via, acélas ci txiàŷ doys “r”, iscrévi-si tâbeŷ coŷ “h”. Pohr fī, hemóvi-si todus us “h” mudus (e.g. “oji”); i, comu nas owtras letras, henomeya-si u “Agá” para “Éhi” [ɛhi] i u “Éhi” para “Éri” [ɛri], sinalizàdu suas nóvas fūsoŷs.

Aw coŷtraryu das suprasitadas llīgwas jehrmànicas, eŷtretātu, u “j” coŷséhrva a pronŷsya ci hesebemus dus frāsezis, nàŷ seŷdu utxillizadu para u soŷ dji “i” semivogaw (comu vimus i *hjem*, asima). Esi soŷ, cuju fonema denóta-si pohr [j] pehrteŷsi aw “y”, ci, dji maneyra análoga aw “h”, àtxis sub’utxillizadu, é agóra uma letra muŷtu ĩpohrtàtxi, teŷdu i vista ci u Brazileyru é ũ idjioma replétu dji semivogays.

Asi, pohrtātu, a ĩdjicasàŷ das letras semivogays nàŷ é neŷ negllijeŷsiada, comu vīa seŷdu deysdji u Acohrdu Ohrtográficu dji 1990, tàŷpòwcu si dá pelu àtxicwadu “Trema”. ĩ coŷtrapozisàŷ, a nóva llīgwa

deixa de ser uma letra mal utilizada, essencialmente inútil, e passa a ter o som fricativo glotal surdo [h], ou “Erre” gutural, como é nos demais idiomas da Europa (e.g. nas palavras *home*, *heim* e *hjem*, ou seja, “lar” em inglês, alemão e norueguês, respectivamente). Isso significa que o “r” é reservado para o tepe alveolar [r] (e.g. em “para”); e todas as palavras que começavam com “r”, começam com “h”; e, pela mesma via, aquelas que tinham dois “r”, escreve-se também com “h”. Por fim, remove-se todos os “h” mudos (e.g. “hoje”); e, como nas outras letras, renomeia-se o “Agá” para “Erre” [ɛhi] e o “Erre” para “Eri” [ɛri], sinalizando suas novas funções.

Ao contrário das supracitadas línguas germânicas, entretanto, o “j” conserva a pronúncia que recebemos dos franceses, não sendo utilizado para o som de “i” semivogal (como vimos em *hjem*, acima). Esse som, cujo fonema denota-se por [j], pertence ao “y”, que, de maneira análoga ao “h”, antes subutilizado, é agora uma letra muito importante, tendo em vista que o brasileiro é um idioma repleto de semivogais.

Assim, portanto, a indicação das letras semivogais não é nem negligenciada, como vinha sendo desde o Acordo Ortográfico de 1990, tampouco se dá pelo an-

brazileyra designa letras espesíficas para esi fĩ, cways sèjàw, u “y”, xamadu “Cwazi-i”, i u “w”, ow “Cwazi-u”. Nàw é nesesaryu mays letras du ci ésas, pohrcè apenas u “i” i u “u” sàw semivogays, ãcwātu u “a”, u “e” i u “o” sàw seỹpri vogays (i.e. élas “cébràw” a sílaba i nàw aglutzínàw-si ã djitoŵgus i tritoŵgus).

Aleỹ djisu, u “y” i u “w” sàw frecweỹtximeỹtxi aseỹtuadus coŵ u aseỹtu nazaw, “~”, i substxitúeỹ u “n” i u “m” pós-vocállicus; isu pohrcè uma característxica djistĩtxiva du Brazileyrũ é ci vogays segidas dji “n” i “m” (coŵ uma coŵsoãtxi depoy) seỹpri prodúzeỹ ã soŵ semivocállicu heziduaw, ci nàw é pehrfeytameỹtxi capturadu pohr ésas duas coŵsoãtxis, mas sĩ pohr acélas semivogays nazallizadas (viz. “ỹ”, “w”):
[ezeỹplus]

Em praticamente todos os outros idiomas escritos com o alfabeto latino, porém, essa “semivogal residual” não acontece, então é correto utilizarem o “n” e o “m” pós-vocálicos. Mas, como o nosso objetivo é que o *brasileiro* seja consistente, devemos substituí-los por semivogais nasalizadas.

Finalmente, as duas últimas letras, “x” e “z” representam, cada, um único som e não se confundem entre si nem com o “s”, “c”, etc. Especificamente, o

tiquado “Trema”. Em contraposição, a nova língua brasileira designa letras específicas para esse fim, quais sejam, o “y”, chamado “Quasi-i”, e o “w”, ou “Quasi-u”. Não é necessário mais letras do que essas, porque apenas o “i” e o “u” são semivogais, enquanto o “a”, o “e” e o “o” são sempre vogais (i.e. elas “quebram” a sílaba e não aglutinam-se em ditongos e tritongos).

Além disso, o “y” e o “w” são frequentemente acentuados com o acento nasal, “~”, e substituem o “n” e o “m” pós-vocálicos; isso porque uma característica distintiva do brasileiro é que vogais seguidas de “n” e “m” (com uma consoante depois) sempre produzem um som semivocálico residual, que não é perfeitamente capturado por essas duas consoantes, mas sim por aquelas semivogais nasalizadas (viz. “ỹ”, “w̃”):

[exemplos]

Em praticamente todos os outros idiomas escritos com o alfabeto latino, porém, essa “semivogal residual” não acontece, então é correto utilizarem o “n” e o “m” pós-vocálicos. Mas, como o nosso objetivo é que o *brasileiro* seja consistente, devemos substituí-los por semivogais nasalizadas.

Finalmente, as duas últimas letras, “x” e “z” representam, cada, um único som e não se confundem

“x” tem, agora, sempre o som da fricativa pós-alveolar surda [ʃ] (antigo “ch”). Já o fonema [z] é grafado pelo “z”, inclusive nas palavras com “s” intervocálico (e.g. “casa”); e não há mais “z” no final de nenhuma palavra. Desse modo, todas as letras no alfabeto têm sua própria função.

3 Vogais

3.1 Pronūsya padràw

3.2 Aseýtus

3.3 Eỹcow̃trus vocállicus

3.4 Ley da gravidadji vocállica

3.5 Hégras dji aseýtuasàw̃

4 Eỹcow̃trus cõwsonātays

5 Ezeỹplus

entre si nem com o “s”, “c”, etc. Especificamente, o “x” tem, agora, sempre o som da fricativa pós-alveolar surda [ʃ] (antigo “ch”). Já o fonema [z] é grafado pelo “z”, inclusive nas palavras com “s” intervocálico (e.g. “casa”); e não há mais “z” no final de nenhuma palavra. Desse modo, todas as letras no alfabeto têm sua própria função.

3 Vogais

Como aludido acima, as vogais na língua brasileira são “a”, “e”, “i”, “o”, “u”; e as semivogais, “y” e “w” (“Quasi-i” e “Quasi-u”). As vogais formam hiátos se adjacentes, mas as semivogais aglutinam-se.

Por exemplo,

[exemplos]

Ademais, porque visamos a consistência fonética (i.e. que se escreva como se diz), precisamos distinguir não só entre vogais e semivogais, mas ainda entre as agudas, graves e nasais. Denotá-las explicitamente exigiria ou uma letra para cada som (como é no Alfabeto Fonético Internacional) ou algum sistema de acentuação. A primeira opção não seria nem um

pouco prática; a segunda, no entanto, também pode tornar-se trabalhosa se não implementada direito.

Em particular, para evitar excessivos acentos, devemos convencionar uma “pronúncia padrão” para cada vogal (viz. a mais frequente), e indicar com acentos apenas quando a pronúncia for diferente.

A tabela abaixo define a pronúncia padrão das vogais e semivogais brasileiras:

Tabela 2: Pronúncia padrão

Letra	Pronúncia padrão	Exemplo	IPA
Aa	Agudo	dsds	[a]
Ee	Grave	dsds	[e]
Ii	Agudo	dsds	[i]
Oo	Grave	dsds	[o]
Uu	Agudo	dsds	[u]
Yy	Agudo	dsds	[j]
Ww	Agudo	dsds	[w]

Como pode-se perceber, os fonemas vocálicos são os mesmos do português tradicional. Então, nesse sen-

tido, excetuando a adição das semivogais, não há nada de novo. As pronúncias alternativas, porém, não são as mesmas, conquanto sejam mais acuradas do que no português. Expliquemo-las na seguinte seção.

3.1 Acentos

Para entender as pronúncias alternativas das vogais e semivogais brasileiras, convém definirmos, primeiro, os acentos que as indicam:

Tabela 3: Acentos da língua brasileira

Acento	Nome	Exemplo
´	Acento agudo	dsds
`	Acento grave	dsds
˜	Acento nasal	dsds
ˆ	Acento nasal forte	dsds
¨	Acento duplo	dsds

função dos acentos: 1) explicitar pronúncia quando não é a pronúncia padrão; 2) indicar sílaba tônica

quando não é autoevidente; 3) diferenciar palavras.
lista e hierarquia dos acentos.

3.2 Encontros vocálicos

vogal + y

vogal + w

y + vogal

w + vogal

y + vogal + w

y + vogal + y

w + vogal + w

w + vogal + y

3.3 Lei da gravidade vocálica

$e \rightarrow i \rightarrow y$

$o \rightarrow u \rightarrow w$

3.4 Regras de acentuação

4 Dígrafos

$nh \rightarrow \tilde{y}, \tilde{i}, \hat{i}$

lh \rightarrow lly, lli

ss \rightarrow s

sc \rightarrow s

sç \rightarrow s

xs \rightarrow s

xc \rightarrow s

ch \rightarrow x

rr \rightarrow h

qu \rightarrow cw (e.g. qualidade), c (queijo)

gu \rightarrow gw (e.g. guitarra), g (guerra)

r pós-vocálico (seguido de consoante) \rightarrow hr

di \rightarrow dji

ti \rightarrow txi

li \rightarrow lli, lly

Ademais, todos os dígrafos vocálicos (viz. vogal seguida de “n” ou “m”) foram substituídos por vogais nasalizadas (seguidas de “ỹ” ou “w̃” quando resultam em semivogal residual), como explicado no capítulo anterior.

5 Exemplos

6 Hezumu

7 Hefereĩsyas